

AS BASES FILOSÓFICAS DA TAXONOMIA DE KEYNES E A CONTRIBUIÇÃO AO PLURALISMO ECONÔMICO

Tainari Taioka
Universidade Federal do ABC

Resumo

Este artigo procura resgatar as bases da ciência moral e da filosofia ética, subjacente ao pensamento de John Maynard Keynes, que ajudam a compreender a construção de uma nova taxonomia proposta por ele. Neste particular, destaca-se a notoriedade da influência do método filosófico de George Edward Moore, que revolucionou a forma pela qual Keynes observara o mundo, permitindo-o reexaminar a sua formação inicial, cuja primeira aproximação com a economia, foi a de base ortodoxa, enquanto aluno de Alfred Marshall. Assim sendo, pode-se dizer que Keynes utilizou uma metodologia e um historicismo “não padrão”, ao importar elementos de fora da disciplina do campo econômico. Ademais, ao compreender a economia como uma ciência moral nos termos da filosofia ética de Moore, promove uma discussão plural dentro da economia e modifica os elementos essenciais à economia ortodoxa, quais sejam: a não neutralidade da moeda, a inversão da lógica do lado da oferta, para o lado da demanda agregada e o paradoxo da moeda, ou melhor, nos termos emprestados de Keynes, o amor pelo dinheiro e o fazer dinheiro.

Palavras-chave: Keynes, John Maynard. Moral. Ética. Pluralismo Econômico.

Abstract

This paper seeks to rescue the foundations of moral science and ethical philosophy, underlying John Maynard Keynes' thought, which helps to understand the construction of a new taxonomy proposed by him. In this regard, the notoriety of the influence of George Edward Moore's philosophical method stands out, which revolutionized the way in which Keynes observed the world, allowing him to reexamine his initial formation, whose first approach to the economy, was orthodox, as a student of Alfred Marshall. Thus, it can be said that Keynes used a “non-standard” methodology and historicism, when importing elements from outside the discipline of the economic field. Furthermore, by understanding economics as a moral science in terms of Moore's ethical philosophy, it promotes a plural discussion within economics and modifies the essential elements of orthodox economics, namely: the non-neutrality of money, the inversion of logic on the side of economics supply, on the side of aggregate demand and the currency paradox, or better, in Keynes's borrowed terms, the love of money and making money.

Keywords: Keynes, John Maynard. Moral. Ethics. Economic pluralism.

JEL: B15, B22.

Área 01 – Metodologia e História do Pensamento Econômico

1. Introdução

De acordo com Dequech (2007) e Colander (2000) a corrente de pensamento majoritária dentro da ciência econômica, que se sobressai as correntes de pensamento minoritárias, pode ser denominada por *mainstream*; esse termo denota um elemento essencialmente sociológico, dentro do pensamento dominante de sua época. Atualmente houve uma maior abertura do *mainstream* para novas abordagens que apresentam algum grau de comensurabilidade com a economia ortodoxa, como é o caso da teoria dos jogos, economia experimental, equilíbrio geral, dentre outras. Contudo, muitas escolas de pensamento denominadas heterodoxas estão engajadas dentro de diferentes abordagens que são comensuráveis entre si, mas incomensuráveis com a economia *mainstream*.

De forma mais ampla, pode-se dizer que no século XX houve uma maior abertura ao pluralismo na economia como um todo, permitindo que escolas, como a institucionalista, keynesiana e neoclássica, disputassem espaços dentro da ciência econômica. Posteriormente, essa tendência pluralista perde força, pois, por um lado, houve uma maior formalização nos modelos econômicos e, por outro lado, o contexto político, decorrente da Guerra Fria, fortaleceu as ideias da economia neoclássica que melhor se encaixavam na ideologia política neoliberal – houve uma tendência monista. No entanto, na década de 1960-1970 o debate entre monetaristas e keynesianos abre espaço, novamente, para uma discussão mais pluralista na economia. Diferenças metodológicas, epistemológicas e ontológicas, de diferentes escolas de pensamentos são compreendidas como necessárias para uma comunicação bem-sucedida, e, portanto, para os benefícios do pluralismo.

Neste contexto, no ano 2000 iniciou-se na França um movimento de alunos e professores que se organizaram em torno da reivindicação de uma economia mais pluralista nas universidades, o movimento atingiu um grande número de estudantes no mundo todo. Um ano após o manifesto iniciado na França, vinte e sete pós-graduandos (PHD) de *Cambridge University*, emitiram uma petição argumentando em defesa de um ensino mais pluralista, esse movimento ficou conhecido como “*Cambridge 27*”. A petição se espalhou em diversos países, incluindo *Harvard* em 2003, o resultado foi um manifesto divulgado em um encontro internacional de economistas e estudantes em *Kansas* (USA). Nele, foram pontuados uma série de elementos que um/uma economista deve aprender nos centros de graduação e pós-graduação, objetivando, romper com o dogmatismo ortodoxo, para seguir uma linha mais pluralista do conhecimento, e que apresentasse uma maior proximidade com a complexidade da realidade econômica (Fullbrook, 2008 e Sent, 2006).

Neste sentido, o pluralismo no pensamento metodológico moderno como descritos por Hands (2001), sobre o que denomina "nova metodologia econômica", apresenta a ideia de que o pluralismo vem sendo adotado, mais amplamente, não apenas na metodologia econômica, mas

também dentro da prática econômica em si. Prova disso, é que atualmente cerca de 40 organizações internacionais fazem parte da Confederação Internacional de Associações para o Pluralismo em Economia (ICAPE), nos níveis, teórico e político. Neste particular, as diversas escolas de pensamentos desempenham papel fundamental na defesa de uma economia mais pluralista.

De acordo com Waller (2013) as convergências entre teorias podem ser frutíferas uma vez que estimularam o pensamento ao contrastar ideias distintas. No caso da teoria economia, a convergência com outras abordagens, muitas vezes, fora da ciência econômica, pode servir como uma teoria desagregada subjacente do comportamento econômico. Portanto, compreende-se que, de certa forma, o pluralismo para economia heterodoxa se expressa na reivindicação política e humanista, mais do que apenas em uma postura epistemológica. “Pluralism is here related with respect, dignity, and engagement in conversation, not with truth.” (Marqués e Weisman, 2013, p. 80).

Assim sendo, o presente trabalho busca analisar as bases filosóficas que influenciaram as modificações taxonômicas conferidas a Keynes, enquanto promotor de uma revolução no pensamento da ciência econômica. Keynes se debruça sobre as questões do *real world*, tendo como preocupação central a busca por conhecimento, dentro das concepções filosóficas e econômicas, cujo pano de fundo é a ciência moral e a filosofia ética mooreana. De acordo com Davidson (2011), Keynes, “filósofo-economista”, buscou desenvolver uma teoria cuja linguagem se preocupava em explicar as grades falhas do sistema econômico, compreendidos nos problemas de “desemprego e distribuição, arbitrária e desigual, de rendimentos e de riqueza”. (p. 24).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar as contribuições de Keynes para o pluralismo; neste particular, enfatiza-se a incorporação de elementos teóricos de fora das ciências econômicas, sobretudo, conceitos filosóficos, que o permitiu reformular os pressupostos básicos da teoria convencional.

Além desta introdução, o artigo conta com mais quatro seções. Na seção (2) busca-se compreender as bases filosóficas contidas na ética econômica que deram origem ao pensamento de Keynes. Na seção (3) verificam-se o contexto histórico e político nas obras de Keynes; faz-se uma investigação dos elementos filosóficos das suas principais obras. Na seção (5), discute-se de que forma Keynes contribui para uma economia pluralista e em seguida apresentam-se as considerações finais.

2. Bases Filosóficas da Origem do Pensamento de Keynes

As críticas que Keynes direciona a teoria (neo)clássica, sobretudo, no que diz respeito às relações monetárias, fornecem pistas sobre as consequências reais para o desenvolvimento material e ético da sociedade. As bases filosóficas de Keynes podem ser encontradas em suas primeiras

reflexões sobre a obra de George Edward Moore, *Principia Ethica* de 1903. “What Keynes principally inherited from Moore, in fact, was the view that one could intuit, or grasp, in an act of individual judgment, general a priori relationships”. (Davis, 1991a, p. 92).

Além de Moore, os filósofos Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein tiveram forte influência no pensamento de Keynes, ambos se conheceram em Cambridge no grupo de *Bloomsbury*, do qual eram membros. O grupo se reunia em torno de uma comunidade de intelectuais classificados como não conformistas, suas crenças foram originalmente influenciadas por Moore.

Russel¹ em seu livro *Principles of Mathematics* (1903) fornece um método matemático que comportava as mesmas bases filosóficas propostas por Moore. Wittgenstein, por sua vez, destaca a importância da concepção da natureza social, que compreendem as regras e convenções, cujas concepções filosóficas, em certa medida, influenciaram àquelas de Keynes. Contudo, para este trabalho o foco será na influência do método de Moore sobre Keynes, pois se compreende que este foi o filósofo de maior relevância em sua trajetória, do jovem Keynes a sua fase madura, conforme se discorre a seguir.

De acordo com Davis (1991a) e Mini (1991), para Moore o bem só poderia ser resultado por si mesmo (*sui generis*), uma vez que conceitos que parecem simples escondem certa complexidade. Esta deve ter sido a maior contribuição ao pensamento de Keynes, de que se poderiam intuir a partir de julgamentos individuais, as ações gerais *a priori*. Dessa forma, o método torna-se mais importante do que as conclusões que se chega, mesmo que esse não leve a conclusões perspicazes e satisfatórias. “Um verdadeiro filósofo deveria fazer perguntas precisas, fazer distinções se necessário e analisar cada termo exaustivamente.” (Cardoso e Lima, 2006, p.296).

Para Keynes o amor pelo dinheiro, elemento fundamental da economia capitalista, decorre da funcionalidade do estímulo a acumulação, uma vez superado o problema econômico fundamental, qual seja a sobrevivência em condições satisfatórias, a sociedade passaria a compreender o dinheiro como ele essencialmente é: uma patologia. Esta percepção atribui uma abordagem moral e ética acerca da economia, que lhe confere uma visão bastante otimista da natureza humana. Nesse sentido, uma vez superadas os problemas econômicos, a sociedade se voltaria para o que realmente importa; o da arte de viver e se dedicar as coisas belas e agradáveis.

Dessa forma, verifica-se a base filosófica de Moore em Keynes, muito embora ele tenha tido uma formação dentro da teoria (neo)clássica, isso não o limitou nos seus questionamentos. Faz um reexame dos elementos básicos da teoria (neo)clássica e encontra nela, diversas contradições de

¹ Nas palavras de Keynes (CW, X, p.438-439): “Russell's Principles of Mathematics came out in the same year as Principia Ethica; and the former, in spirit, furnished a method for handling the material provided by the latter. Let me give you a few examples of the sort of things we used to discuss”.

um sistema baseado em uma estrutura ilógica e conclui que as deduções simples estavam embasadas em um método análogo e retórico (Cardoso e Lima, 2006).

Para Moore a Ética não era uma ciência em si, uma vez que a ignorância é parte de todas as decisões humanas. Os efeitos de uma ação ou escolha duram por certo período de tempo; logo, o conhecimento acerca do futuro é desconhecido e não há como saber, com certeza, quais dessas ações ou escolhas resultam naquilo que é bom. Nas palavras de Morre (1998):

“Todavia, o objetivo principal da Ética, como uma ciência sistemática, é dar razões corretas para se pensar que isso ou aquilo é bom; e, a menos que esta questão seja respondida, tais razões não podem ser expandidas. Mesmo, portanto, abstraindo o fato que uma resposta falsa leva a falsas conclusões, esta investigação é a parte mais necessária e importante da ciência da Ética”. (p. 103).

De acordo com Carvalho e Lima (2006), a ética é capaz de fornecer regras compartilhadas pelo senso comum. A ação prática para Moore pode levar a inação, uma vez que os desdobramentos originados desta mesma ação podem ser infinitos. Para Keynes, mesmo o futuro sendo incerto, ainda assim é possível utilizar julgamentos ou a intuição para avaliar qual a melhor escolha ou ação a ser tomada.

Nas suas primeiras obras, o jovem Keynes acreditava que a ignorância não era condição suficiente para impossibilitar a compreensão de um julgamento racional sobre a ação, sendo o julgamento racional possível mesmo em um ambiente de incerteza. Para Mini (1991) a filosofia de Moore forneceu a Keynes à compreensão de que a análise não precisa levar a certezas, mas sim evitar os erros.

Dequech (2004) argumenta que a dupla dimensionalidade, qual seja: a ontologia visão de realidade, e a epistemologia falta de algum tipo de conhecimento, não contrapõe a visão do jovem e do maduro Keynes, de que o julgamento racional pode ocorrer mesmo em condições de incerteza. Essa percepção forma a sua compreensão a respeito da probabilidade, ela é uma propriedade sobre a qual os indivíduos pensam o mundo, que pode ser definido em termos keynesianos, como o grau de crença racional. Por conseguinte, compreende-se que o conceito de crença racional carrega a dupla dimensionalidade, ontológica e epistemológica. Tais elementos, herdados de Moore, podem ser encontrados no trecho retirado do original,

Seja qual for a opinião que se assuma com respeito ao caso particular da punição vingativa, está claro que temos aqui *duas coisas distintas* com respeito às quais (uma ou outra) questão separada pode ser feita no caso de cada unidade orgânica. A primeira destas duas coisas pode ser expressa como *a diferença* entre o valor *de toda a coisa* e a soma do valor de suas partes. E é claro que onde as partes tenham pouco ou nenhum valor intrínseco [...], esta diferença será aproximadamente, ou absolutamente idêntica ao valor da coisa toda. (Moore, 1998, p. 297-298, grifos no original).

Na concepção de Keynes, existe uma relação direta entre: ética e desordem do mundo. Virtudes como o senso de justiça e a criatividade do indivíduo, bem como as percepções que parecem lógicas dentro da racionalidade de natureza egoísta, pode levar a estados históricos destrutivos, guerras e crises econômicas. “Uma ação pode melhorar as possibilidades de alguém sob um ponto de vista egoísta, mas pode resultar numa situação pior quando analisada sob a perspectiva da unidade orgânica, ou seja, da sociedade como um todo”. (Cardoso e Lima, 2006, p. 303). A sociedade é o todo que interage com as partes e afetam umas as outras, pois os indivíduos são parte desta sociedade; sendo assim, “o estado em que essa última se encontra também influencia o estado dos indivíduos” (op. cit. P. 303).

Para Moore não há uma conexão entre a ética e a conduta, pois a ação política ou econômica não apresenta uma justificativa ética, uma vez que o compromisso é imposto de fora para dentro, isto é, não está contido na ética. Moore critica a concepção de cálculo utilitarista como uma forma de conduta dado que, “na prática é impossível, pois nós não podemos calcular as consequências num mundo complexo no qual os desdobramentos de nossas ações continuam infinitamente.” (Cardoso e Lima, 2006, p. 297). Nas palavras de Moore (1998):

“Muitos argumentos utilitaristas envolvem o absurdo lógico que o que está aqui e agora, nunca tem valor algum por si mesmo, mas é, apenas, por ser julgado por suas consequências; o que, novamente, por certo, quando acontecem, não teriam valor algum em si mesmas, seriam, apenas, meios para um futuro ainda distante e por aí a fora *ad infinitum*”. (p.195, grifos no original).

Compreendendo que as ações não podem ser guiadas pela boa conduta, Moore (1998) propõe seguir convenções como uma espécie de conformidade já que muitos indivíduos na sociedade a seguem, portanto, a conformidade em segui-las seria o melhor para a sociedade como um todo. Neste particular, Keynes defende a funcionalidade do uso das convenções ao enfatizar o conceito de incerteza e o abandono da racionalidade do *homo economicus*, cuja racionalidade é plena, ele ressignifica a concepção do ser racional. A influência do método de Moore é perceptível ao longo das obras de Keynes, atentando-se ao contexto histórico de cada período percebe-se que o jovem Keynes esteve mais preocupado com os argumentos filosóficos e suas obras mais maduras demonstram uma maior preocupação com os desfechos econômicos e políticos, contudo, ele não abandona as bases metodológicas e éticas das suas obras iniciais, este será o tema da próxima seção.

3. Contexto histórico e as mudanças ao longo das obras de Keynes

De acordo com Caldwell (1994), analisar o momento histórico é fundamental para a compreensão do surgimento de uma escola de pensamento, uma vez que o experimento ou a experiência empírica não é capaz de compor, isoladamente, uma determinada teoria. Neste sentido, “The reproduction of ideas involves the social, political, and economic structures of the academic

and policymaking establishments in which ideas are developed and transmitted.” (Colander, et. al. 2004, p. 488)².

Por outro lado, para John Stuart Mill (On Liberty, 1869) o comprometimento com o pluralismo envolve defender a pluralidade e a atitude pluralista individual. Mill defende que a diversidade é crucial para o pluralismo, sendo que a sua principal preocupação não é com a epistemologia, mas sim com as liberdades políticas e humanistas (Marqués e Weisman, 2013).

Em vista disso, Keynes desenvolve sua teoria e escreve sua principal obra, “*The General Theory of Employment, Interest, and Money*” (doravante GT), em um contexto de crise econômica (crise de 1930). Dessa forma, uua preocupação era buscar solucionar o problema da conjuntura da época, em que a teoria (neo)clássica não parecia dar as respostas necessárias.

Conforme, Ferrari Filho e Terra (2016, p. 72) Keynes “se debruçou sobre o fenômeno econômico a partir da observação do tempo histórico do *real world*”. O método de Keynes corrobora com a ideia do *real world*, para ele o método convencional da ciência normal não contempla seu pragmatismo, “pois o tempo e as mudanças, enfim a historicidade, e a incerteza acabavam condicionando as tomadas de decisões” (p. 73).

Essa nova concepção, permitiu Keynes modificar os pressupostos (neo)clássicos para descrever a economia. Uma de suas principais releituras foi à inversão da lógica de produção, do lado da oferta para o lado da demanda e a reconstrução dos fundamentos da economia capitalista, e, por consequência, modificou as bases metodológicas e epistemológicas da economia (neo)clássica e ampliou o debate econômico. Pode-se dizer que nos termos de Mill Keynes apresentou uma atitude pluralista ao descrever a complexidade econômica. Nas palavras de Keynes:

The celebrated optimism of traditional economic theory, which has led to economists being looked upon as Cándides, who, having left this world for the cultivation of their gardens, teach that all is for the best in the best of all possible worlds provided we will let well alone, is also to be traced, I think, to their having neglected to take account of the drag on prosperity which can be exercised by an insufficiency of effective demand. For there would obviously be a natural tendency towards the optimum employment of resources in a Society which was functioning after the manner of the classical postulates. It may well be that the classical theory represents the way in which we should like our Economy to behave. But to assume that it actually does so is to assume our difficulties away. (Keynes 1936, p. 33-34).

Para Carabelli (1991), o método utilizado por Keynes não dissocia a teoria da prática econômica, e, por esse motivo, sua teoria é motivada pela compreensão e transformação da realidade, que ocorre devida às mudanças nas crenças, convenções, opiniões e comportamento de uma sociedade. De acordo com Cardoso e Lima (2008), é possível perceber a influência de Moore, no que se refere à formulação do paradoxo da poupança, na formação de expectativas e na análise do efeito multiplicador, esses conceitos serão retomados a seguir.

² Pode-se argumentar, que em determinado momento político, como no caso da Guerra Fria, a escola que melhor representava os interesses políticos, prevaleceu às outras abordagens, como foi o caso da escola neoclássica.

Cabe enfatizar, novamente, que para além do Keynes com concepções econômicas, há em suas bases teóricas as percepções filosóficas acerca das relações monetárias sobre o processo produtivo e, sobretudo suas preocupações com a promoção do bem estar da sociedade (ou *well-being*). Em sua obra “O fim do “laissez-faire”” (1926), a base ética da filosofia de Keynes e a sua compreensão sobre a economia enquanto uma ciência moral pode ser verificada. Nas palavras de Keynes:

[...] a conclusão de que os indivíduos que agem de maneira independente para seu próprio bem produzem maior volume de riqueza depende de uma série de pressupostos irrealistas, com relação à inorganicidade dos processos de produção e consumo, à existência de conhecimento prévio suficiente das suas condições e requisitos, e à existência de oportunidades adequadas para obter esse conhecimento prévio. (p. 117).

Os economistas (neo)clássicos³ de acordo com Keynes partem de um pressuposto ideal e posteriormente analisam se os fatos condizem com a realidade, isto é, partem do modelo que gostariam que representassem a realidade ao invés de construir o modelo a partir da realidade. Contudo, “o mundo não é governado do alto de forma que o interesse particular e o social sempre coincidam”. (op. cit. p. 120). Neste sentido, conforme Keynes os indivíduos agindo com objetivos particulares não alcançarão o bem estar comum; pois os próprios objetivos apresentam elevado grau de ignorância, agir separadamente não torna os indivíduos mais esclarecidos do que agindo conjuntamente.

Para Keynes o Estado deveria corrigir as falhas de mercado e regulamentá-lo, para isso, propõe uma organização social que relacione os interesses individuais com o bem estar público, e atribui ao Estado à garantia da promoção do progresso e o desenvolvimento. Ademais, Keynes acreditava que a agenda do Estado deveria servir aos interesses sociais “àquelas decisões que ninguém adota se o Estado não o faz”. (op. cit. p. 123). Cabe ao Estado atuar onde a iniciativa privada não tem interesse, esses são os serviços “tecnicamente sociais”. Nas suas palavras,

Muitos dos maiores males econômicos de nosso tempo são frutos de rico, incerteza e da ignorância. É porque indivíduos específicos, afortunados em sua situação ou aptidões, são capazes de se aproveitar da incerteza e da ignorância, e também porque, pela mesma razão, os grandes negócios constituem frequentemente uma loteria, que surgem as grandes

³ “Os direitos individuais presumidos pelo contrato social, a nova ética, que não passava de um estudo científico das consequências do amor-próprio racional, colocavam o indivíduo no centro do mundo” (Keynes, 1926, p. 106). Inspirados pelos iluministas Hume e Locke, a origem divina e a moral deram lugar à concepção de indivíduo e abriu espaço para os cálculos utilitaristas. Promove-se, assim, a ideia de liberdade com garantias aos direitos de propriedade. O individualismo filosófico e político da época tendiam ao laissez-faire e tudo que o Estado fizesse além de suas funções mínimas seria mais prejudicial do que virtuoso para a sociedade. A doutrina estava bem alinhada com os interesses dos empresários do século XVIII, a do livre comércio. “Não sei o que torna o homem mais conservador: conhecer apenas o presente, ou apenas o passado”. (Keynes, 1926, p. 111). Os conceitos darwinistas foram acrescentados à noção de laissez-faire para fortalecer o conceito de competição. Para os (neo)clássicos o amor pelo dinheiro fará com que os recursos econômicos sejam distribuídos da melhor forma possível, os mais abeis conseguiram melhores resultados dados os esforços individuais por eles despedidos.

desigualdades de riqueza; e estes mesmos fatores são também a causa do desemprego dos trabalhadores, ou a decepção das expectativas razoáveis do empresariado, e da redução da eficiência e da produção. Entretanto, a cura reside fora das atividades dos indivíduos; pode até ser do interesse destes o agravamento da doença. (Keynes, 1926, p. 123).

A economia deve ser parte da ciência política colocada a serviço da sociedade para a construção de uma racionalidade ética e moral, em que o bem comum se sobressaísse aos interesses individuais. O ponto central de sua obra “As possibilidades econômicas de nossos netos” (1930), enfatiza que quando a acumulação de riqueza restasse superada, as preocupações da sociedade poderiam ser direcionadas ao *well-being*, neste estágio, o amor pelo dinheiro seria reconhecido apenas como uma patologia.

A compreensão da função da moeda na sociedade a partir do aspecto moral da economia foi, justamente, o que levou Keynes a abandonar a ideia de neutralidade da moeda. Neste particular, a relação estabelecida entre os indivíduos e a moeda, envolve, além de aspectos práticos, um fundamento psicológico, é desta motivação que surge a noção de preferência pela liquidez e a capacidade da moeda permanecer com certa estabilidade no tempo. O amor pelo dinheiro estaria então, fundamentado no poder que ele exerce, permitindo ao indivíduo manipular certos elementos fundamentais para modificar as relações sociais, de maneira que lhe seja mais convincente. Portanto, as consequências das escolhas individuais, podem ser feitas para o bem, ou para o mal, dos outros indivíduos que compõe a sociedade.

Não obstante, Keynes (1930) acreditava que a eficiência da acumulação de capital e as rápidas mudanças tecnológicas, fariam aumentar o progresso, possibilitando uma melhora na sociedade como um todo. Apesar das necessidades dos seres humanos parecerem insaciáveis, dado que os desejos de consumo além de satisfazerem as necessidades absolutas, têm fins de manutenção de status social. Mesmo assim, acreditava que quando as necessidades absolutas forem saciadas, preferir-se-á dedicar o tempo em atividades não econômicas; ainda que os desejos de superioridade sejam insaciáveis, e este será cada vez mais inatingível quanto mais elevado o nível geral de bem estar social.

Quando a acumulação de riqueza não for mais a preocupação central, será possível superar as desigualdades sociais e se enxergará o amor pelo dinheiro apenas como uma patologia. Mas para que isso seja possível, os indivíduos deverão se desfazer dos antigos costumes e convenções sociais e das práticas econômicas úteis apenas enquanto promotoras da acumulação do capital. Como enfatiza Keynes (1930), “a vida só será tolerável para os que têm algo a ver com os cânticos – e quão poucos somos os que conseguem cantar”, a sociedade terá que reaprender a viver, direcionar menos horas ao trabalho e compreender que não há nenhum mal em experimentar as artes da vida; assim, será possível preocupar-se com o “lazer que a ciência e o juro composto lhe terão conquistado, para viver bem, sabia e agradavelmente”. (p. 156).

Por outro lado, deixar o mercado agindo por seus próprios mecanismos, em que cada indivíduo age por seus próprios interesses, não levará ao estado de bem estar para toda sociedade, como quer a economia (neo)clássica. A concepção moral atribuída por Keynes às ciências econômicas, em certa medida, visa atenuar a instabilidade do sistema capitalista, para então atingir um estado de *well-being*. Neste particular, Keynes acreditava que os indivíduos racionais não são apenas aqueles que agem de forma egoísta, pode-se ser racional dentro de uma compreensão altruísta – subjacente ao todo orgânico.

Na obra “A teoria geral do emprego” de 1937, Keynes explica o paradoxo da poupança, modificando a lógica (neo)clássica, tendo em vista a poupança como a parte atribuída ao não-consumo; portanto, o seu aumento pode reduzir a demanda agregada, se assim for, pode-se dizer que o excesso de poupança é uma das causas do desemprego. De acordo com Keynes, “somente uma forma de consequencialismo aberta a uma forma não-numérica de probabilidade e guiada pelo ‘peso do argumento’ e pelo ‘risco moral’ poderia servir como uma teoria geral do comportamento racional”. (Cardoso e Lima, 2006, p. 302). O cálculo em si, apresenta uma limitação, uma vez que a razão busca alternativas que comportam o julgamento intuitivo.

Neste sentido, a compreensão da economia perpassa pela percepção dela como uma extensão da ética e da moral⁴. Conforme trecho retirado da obra, “The general theory and after” (CW, XIV):

I also want to emphasize strongly the point about economics being a moral science. I mentioned before that it deals with introspection and with values. I might have added that it deals with motives, expectations, and psychological uncertainties. One has to be constantly on guard against treating the material as constant and homogeneous. (p. 300).

A forma de pensar economia deve conter os princípios da extensão lógica que inclui o pensamento indutivo, intuitivo e probabilístico, “as against Robbins, economics is essentially a moral science and not a natural science. That is to say, it employs introspection and judgments of value” (op. cit. p.297). Dessa forma, para Keynes, a economia é uma ciência inexata e apresenta uma série de dificuldades em apresentar uma mensuração numérica acerca dos aspectos que são observados no *real world*, como a motivação e as expectativas. A compreensão de Keynes sobre a economia como uma ciência moral é peça fundamental da formulação da sua teoria, uma vez que ele rompe com a teoria utilitarista e o *Laissez-faire*.

Na obra “My early beliefs” (1938), Keynes admite a influência que sofreu do filósofo Moore na formação de suas expectativas em relação ao mundo. Em suas palavras: “I went up to Cambridge at Michaelmas 1902, and Moore's Principia Ethic a came out at the end of my first year

⁴ De acordo com O'Donnell (1989), compreende-se que as ciências estão unidas pelo departamento da filosofia e, está dividida em dois níveis: a ciência moral e a ciência natural. A primeira refere-se à mente e a conduta, em que lida com a compreensão dos indivíduos como sujeitos e seres pensantes. O segundo utiliza-se da matéria e da vida, ao verificar os indivíduos como seres inanimados e sem consciência.

[...] But, of course, its effect on us, and the talk which preceded and followed it, dominated, and perhaps still dominate, everything else” (p. 435)⁵. De acordo com Davidson (2011) foi a partir desta taxonomia que Keynes pôde modificar seu pensamento contrapondo-se as pressupostos (neo)clássicos, base de sua formação em Cambridge, enquanto aluno de Alfred Marshall. “A influência do método de Moore levou Keynes à sua fórmula revolucionária de pensar sobre economia” (op. cit. p. 23).

Apesar da abordagem (neo)clássica lidar com o indivíduo como elemento central, questões ligadas a moral são desconsideradas e a análise da sociedade lhes é conferida com semelhança aos átomos contidos nas ciências naturais. Assim, ao confrontar a economia com o *real world*, concede-se a realidade econômica um elemento indissociável que permeia a sua definição: a incerteza. Conforme Cardoso e Lima (2006), o método atomístico atribuído às ciências naturais parece limitado na ciência econômica. Keynes baseia-se na intuição e no julgamento como uma alternativa em que a incorporação de aspectos morais não leva a uma teoria irracional ou ilógica. “São requeridas mais do que deduções lógicas dos modelos, e aqui se adentra no campo da Economia Política, cheio de incertezas empíricas e onde a seleção e o peso dado a fatos importantes são afetados pelos julgamentos de valor”. (op. cit. p. 301). A próxima seção procura aprofundar os elementos essenciais que Keynes atribui à economia, compreendendo-a como uma ciência moral e, portanto, entende-se que ele contribuiu para uma discussão mais pluralista.

4. Contribuições de Keynes para uma Economia Pluralista

O pluralismo metodológico tornou-se uma prática muito bem aceita entre os metodólogos. Para Hands (2001a) e Davis (2007) as velhas práticas de encontrar regras gerais para delimitar ciência de não ciência, restam superadas e cederam espaço para uma nova metodologia econômica. Esse movimento ocorreu não apenas dentro da metodologia, mas também dentro da própria teoria econômica.

Neste sentido, Davis (2007) classifica a metodologia em três evoluções: o positivismo, rejeição ao positivismo e a lógica descritiva. Na primeira, a lógica positivista popperiana de análise sintética, não foi capaz de dar respostas adequadas para as novas questões metodológicas. A segunda se caracteriza pela crítica pós-moderna a roteirização da ciência e propõe encontrar soluções previstas dentro dos paradigmas. Neste aspecto, a ciência e a metodologia evoluem no tempo abrindo espaço para o surgimento de novos paradigmas. Na terceira revolução o paradigma passa a ser contingente, é preciso um conjunto de ferramentas amplas para realizar as análises,

⁵ Keynes: “It was all under the influence of Moore's method, according to which you could hope to make essentially vague notions clear by using precise language about them and asking exact questions. It was a method of discovery by the instrument of impeccable grammar and an unambiguous dictionary”. (CW, X, p. 440).

passa-se a incluir questões sociais o que leva a um duplo movimento entre ciência e sociedade em que ambas influenciam uma as outras. A concepção de um único paradigma acaba dando lugar à nova metodologia econômica (Hands, 2001a).

Contudo, Davis (2007) ainda trabalha com a ideia de superação da terceira revolução, uma vez que existe um movimento de mudança na teoria econômica em que os novos programas de pesquisa buscam elementos de outras ciências. É possível dizer que Keynes ao trazer novos elementos de base filosófica, amplia o eixo de investigação científica enquadrando-se, por sua vez, na terceira revolução, como descrita por Davis.

Ademais, de acordo com Dow (2004) além do pluralismo metodológico, o pluralismo estrutural, também, tornou-se fundamental para a discussão econômica, ao incorporar à análise a existência de sistemas, que podem ser classificados em dois tipos: sistemas abertos e sistemas fechados. O pluralismo estrutural segue o argumento específico da linguagem utilizada que recorrem, necessariamente, de uma compreensão particular das escolas de pensamento e do pluralismo.

Por um lado, a epistemologia em Keynes desenvolveu-se com base na ontologia de sistemas abertos, descritos pelas características do pluralismo estrutural. A compreensão da realidade por meio de mecanismos que envolvem ações humanas carregam crenças individuais que afetam a concepção do mundo. Neste sentido, os sistemas abertos são essencialmente sistemas sociais, que evoluem ao longo do tempo incorporando conhecimento humano. “Human action in turn (whether at an individual or social level) requires reasoned justification, just as do the conclusions of scientific enquiry” (Dow, 2004, p.284). Contudo, não se trata de sistemas caóticos, pois as instituições e os hábitos de comportamento apresentam certa estabilidade dentro dos sistemas.

Por outro lado, argumenta-se que a única forma que os economistas têm para testar suas teorias, sem experimentações, é avaliando se há consistência interna, no entanto ela só pode ser avaliada em um sistema fechado. Mas ter um sistema consistente não quer dizer que ele comporta uma teoria ontologicamente correspondente com a realidade social.

If there is no check on the realism of the assumptions/axioms, the method of theory construction, the applicability of the type of logic employed (always classical logic in these cases) or the closure chosen, the result can be a structure which can equally easily either illuminate or falsify the characteristics of the real world. (Chick e Dow, 2001, p. 6).

As estruturas dos modelos abertos, como nos modelos keynesianos, muitas vezes apresentam instabilidade, uma vez que a observação dos fenômenos na prática envolve uma série de variáveis que se movem ao mesmo tempo, gerando sistemas instáveis e que se modificam conforme novos elementos são acrescentados ou alterados. Nas palavras de Chick e Dow (2001),

If human nature and the social world more generally are understood as an open system, in the sense that economic agents learn and innovate and that the institutions and conventions which shape economic actions evolve through time, it is necessary to explore the relationship between results obtained under conditions of closure to this open-system reality. (Chick e Dow, 2001, p. 7).

Verifica-se que dentro da concepção keynesiana e da escola pós-keynesiana, os sistemas são complexos e dualistas, isto é, a teoria afeta a realidade da mesma forma que a realidade afeta a teoria, além disso, os sistemas são dinâmicos e se modificam ao longo do tempo. As mudanças na realidade da sociedade trazem novos problemas que precisam de novas soluções.

Da mesma forma, pode-se compreender que a terceira revolução metodológica permitiu uma compreensão da economia enquanto ciência social e humana, e a sua leitura deve ser feita incorporando novos elementos que podem ser de outros campos da ciência, está pluralidade de ideias ajudam nas explicações e compreensão da realidade social, conforme Davis (2007). Neste sentido, pode-se dizer que Keynes contribuiu para o pluralismo na economia, uma vez que ele constrói seu pensamento, ao longo de suas obras, resgatando elementos de base filosófica, que lhe permitiu criar uma nova taxonomia capaz de contrapor a teoria (neo)clássica.

De acordo com Corazza (2009) Keynes baseou-se na ontologia para a qual a realidade é resultado apenas da interação de indivíduos isolados, conceitos abstratos que envolvem aspectos sociais como classes, religião, tradição. Nesta concepção, o método holístico⁶, tal qual utilizado por Keynes, opõe-se ao individualismo metodológico; neste método a realidade é interpretada como algo complexo, em relação às partes que a compõe – há aspectos morais e de base ética. O todo não pode ser apenas a soma das partes, pois ele é algo maior e independe delas: o todo compõe as partes. Neste particular, evidencia-se, mais uma vez, a importância da filosofia de Moore em Keynes, na utilização do método holístico, que pode ser identificado ao longo das suas obras germinais e nas mais maduras.

No *Treatise on Probability* (doravante TP) de 1921, Keynes acrescenta a discussão o conceito, peso do argumento, que seria determinado pela relação entre o conhecimento relevante absoluto e a ignorância relevante. Keynes deixa claro nas primeiras páginas do seu livro como as premissas são formadas,

Given the body of direct knowledge which constitutes our ultimate premisses, this theory tells us what further rational beliefs, certain or probable, can be derived by valid argument from our direct knowledge. This involves purely logical relations between the propositions

⁶ De acordo com Bresser-Pereira (2012), Keynes utilizou o método histórico-dedutivo, uma vez que não compartilhava da crença platônica, de que existe uma racionalidade intrínseca ao indivíduo. Neste sentido, Keynes era um aristotélico, pois acreditava em uma realidade exterior e contraditória, e a interpretação da realidade não é perfeita, logo, a racionalidade é limitada. Esta concepção fica clara na GT quando Keynes (1964) define o conceito de incerteza, e trabalha com probabilidade acrescentando a ela a subjetividade, neste aspecto, a probabilidade é formada pelo grau de crença racional a respeito do conhecimento disponível.

which embody our direct knowledge and the propositions about which we seek indirect knowledge. What particular propositions we select as the premisses of our argument naturally depends on subjective factors peculiar to ourselves; but the relations, in which other propositions stand to these, and which entitle us to probable beliefs, are objective and logical. (op. cit. p. 3)

Para Davis (1991a), Keynes apresenta dois aspectos do pensamento que ajudam a formatar o grau de crença racional, com base nas percepções individuais dentro da lógica humanista. Desenvolve a teoria da probabilidade a partir do conhecimento que é obtido mediante a vivência dos indivíduos, em que os pesos dos argumentos são submetidos à intuição lógica, nesta, incorporam-se os elementos objetivos e subjetivos. Esse é um conceito crucial que separa a ciência moral de base filosófica ética, da ciência natural, cujo eixo subjacente de análise é a natureza atomística.

Nessas condições, uma nova evidência pode não alterar o resultado da probabilidade, mas o seu grau de crença, isto é, o grau de confiança em uma premissa. Dessa forma, a incerteza é definida pelo grau de "completude", ou maior conjunto de conhecimento direto, da informação disponível no momento da tomada de decisão.

Formal logic can sustain robust expectations only if we trust the premises to be correct. When we know some (perhaps most) of the premises to be no more than figments of imagination, human logic comes to the fore, the weight of arguments becomes relevant, and uncertainty finds its place alongside probability in Keynes's sense. (Carvalho, 1988, p. 76).

A lógica formal, no sentido da racionalidade humana, e o papel do peso do argumento reaparecem no GT, quando Keynes (1964) define o estado de confiança. O mundo social é, portanto, não determinista, uma vez que a realidade social, ou lógica social, tem uma existência externa à mente do observador, mas não dos próprios agentes. A incerteza está enraizada no processo social, orientam os agentes e evoluem ao longo do tempo.

Está lógica aparece nas decisões de investimento. Os empresários ariscam seus recursos monetários visando aumentar sua riqueza no futuro, “a large proportion of our positive activities depend on spontaneous optimism”. As decisões de investimento só podem ocorrer como “result of animal spirits – of a spontaneous urge to action rather than inaction, and not as the outcome of a weighted average of quantitative benefits multiplied by quantitative probabilities”. (Keynes, 1964, p. 161-162).

Contudo, dado que o futuro é incerto, mesmo com grau de confiança elevado, ainda assim, as expectativas podem ser frustradas, pois novos acontecimentos, impossíveis de prever, podem vir a frustrar tais expectativas. “But, as Keynes pointed out, to do that they [businessmen] face uncertainty and, for that reason, they have no alternative but to have recourse to a mix of reasoning and intuition, of courage and ambition, which he called “animal spirits”.” (Bresser-Pereira, 2012, p. 10).

Logo, a riqueza social só poderá ser aumentada se os empresários forem estimulados a mobilizarem seus recursos em novos empreendimentos. “O empresário, contudo, é participante de uma unidade orgânica transeunte, o que afeta seu ânimo e suas decisões.” (Terra e Ferrari Filho, 2011, p. 282). Ademais, a trajetória do produto e do nível de emprego, elementos essenciais para o *well-being* dependem das motivações dos empresários dadas à trajetória histórica da sociedade que está contida na construção filosófica entre indivíduo e sociedade.

Nas decisões de investimento a lógica social domina a lógica formal e a indução é impossível, pois não se pode saber com exatidão se as expectativas de produção serão atendidas. Já em decisões de produção, as premissas são de certa forma mais seguras. Dessa forma, a lógica formal pode se sobressair em relação à formação de expectativas, e a possibilidade de indução é preservada. As decisões de produção são contínuas e mais fáceis de prever, uma vez que as instalações, máquinas e equipamentos são conhecidos, assim, decisões de longo prazo diminuem o grau de incerteza pela lógica formal da probabilidade (Carvalho, 1988).

Keynes (1921) argumenta que a hipótese atomística se adequa às ciências naturais, mas não se aplica nas ciências sociais, e por consequência, não se aplica à economia, dado que a ciência econômica é compreendida como uma ciência moral, *a lá* Moore. Para Keynes quando a experiência resultante de repetições e uniformidade deposita uma crença na hipótese indutiva, a confiança no individualismo cresce – refere-se ao peso do argumento. Rejeita a preposição da probabilidade objetiva, e crítica às tentativas de reduzir a probabilidade subjetiva à mercê da probabilidade matemática (Carabelli, 1988).

Não obstante, cabe ainda ressaltar que o sistema orgânico na concepção de Keynes compreende que a natureza do indivíduo está interligada com a ação de outros indivíduos e também pode mudar quando houver uma mudança na ação do grupo. Argumenta-se, com base na visão organicista de Keynes, que não há como se saber qual será o impacto de uma decisão individual sobre o nível de demanda agregada, sem antes conhecer o efeito de todas as decisões, ou seja, só se saberá o efeito no todo, quando a demanda agregada for conhecida, “fica estabelecida a orgânica interdependência entre a decisão individual e a decisão agregada.” (Corazza, 2009, p. 5).

Ademais, conforme Oreiro e Ono (2007), a economia é uma ciência social que lida com o comportamento humano e, portanto, não é capaz de explicar a realidade com exatidão a partir de modelos⁷. Tais modelos são simples e abertos com poder preditivo limitado, isso decorre do fato de que os indivíduos são livres para fazer escolhas em um mundo cheio de incertezas.

⁷ Neste sentido, a tentativa de criar uma teoria estática, como fez a economia neoclássica, acaba por se distanciar da realidade, pois não é possível resumir uma série de complexidades econômicas e sociais em apenas alguns axiomas. Além disso, os modelos neoclássicos baseiam no método dedutivo em que primeiro pensou-se no equilíbrio como ponto de partida e a ação dos indivíduos foi deduzida a partir disso (Bresser-Pereira, 2012, Ferrari Filho e Terra, 2016). Isto é, não se parte da observação do comportamento dos indivíduos em sociedade, para assim desenvolver um modelo que

Neste particular, têm-se o conceito de incerteza em Keynes, que é completamente definido no seu artigo publicado no *Quarterly Journal of Economics* (1936b). O pano de fundo da concepção do termo incerteza está respaldado na incapacidade que os indivíduos têm de prever acontecimentos futuros. Na concepção de Keynes ao investir os empresários formulam suas expectativas quanto aos ganhos futuros, suas ações dependem do grau de confiança quanto às expectativas, elas seguem uma trajetória dependente (*path-dependence*).

Dessa forma, a existência de processos *path-dependence* diz respeito ao caráter irreversível do sistema, dado o processo histórico. Neste sentido, o passado torna-se irrevogável, pois não pode ser reproduzido com exatidão, uma vez que as condições iniciais não são mais as mesmas. O futuro, por sua vez, pertence apenas ao imaginário dos agentes – *ex-ante*, o futuro ainda não existe. Não obstante, reconhecer a existência de *path-dependence* implica assumir a *não-ergodicidade* do sistema econômico, constitui-se, então, a grandeza ontológica da incerteza.

Em suma, pode-se dizer que o conhecimento é o elemento mais importante para compreensão adequada e a clara percepção das origens dos elementos teóricos que se toma como verdades dentro de determinada teoria, essas razões para a adoção de determinadas concepções são perdidas quando não há visões opostas. “Rival theories and points of view are, then, something valuable by themselves, even when we know that they are wrong. Plurality not only should be tolerated; it must be systematically promoted”. (Marqués e Weisman, 2013, p. 80). Neste particular, verifica-se que Keynes teve uma contribuição muito importante para a economia, ao apresentar uma nova concepção teórica. Assim sendo, pode-se definir que Keynes contribuiu para o pluralismo, ao demonstrar-se simpático a outras visões e uma abertura para ouvi-las, e que esses novos elementos, por ele alcançados, são resultado de uma conversa frutífera com outras abordagens da ciência.

5. Conclusão

Keynes preocupou-se em compreender e explicar a história do *real world*. O método holístico herdado de Moore, bem como sua concepção da ciência enquanto um arcabouço subjacente da moral e filosofia ética foi defendido e utilizado por Keynes para investigar a racionalidade e o comportamento epistemológico humano. Estes aspectos de sua visão podem ser percebidos nas suas obras iniciais, do jovem Keynes, em que se tem um autor mais voltado à filosofia, mas também nas suas obras mais maduras, sobretudo em sua GT, onde o autor define

melhor representante essa realidade, pelo contrário os indivíduos deveriam se comportar de forma que chegassem ao ponto de partida que é o equilíbrio. Envolve a noção de comportamento racional e otimizado, em que um indivíduo pode representar o todo. Ao contrário, para os pós-keynesianos os agentes tem racionalidade limitada, isto é, tem grau de crenças racionais.

completamente os conceitos essenciais da teoria keynesiana: a incerteza, o *animal spirits* e as convenções. O historicismo é construído a partir da própria estrutura capitalista e do *real world*, neste particular, seu método se difere do individualismo metodológico em que a ontologia para a qual a realidade não é resultado apenas da interação de indivíduos isolados, mas de conceitos abstratos que envolvem aspectos sociais. Ele modifica a noção de racionalidade ao admitir a ignorância humana quanto aos acontecimentos futuros, e, atribui à noção de probabilidade o peso do argumento que além de questões objetivas, também comportam questões da subjetividade humana.

Além disso, são inegáveis os impactos que o arcabouço teórico keynesiano, sobretudo, a GT foram capazes de causar em termos de revolução científica. Tal abordagem foi capaz de causar mudanças internas na economia *mainstream*, apesar da linguagem de ambas as escolas apresentarem elementos incomensuráveis entre si. Ainda assim, algumas hipóteses da teoria de Keynes foram traduzidas para a linguagem da economia normal, como é o caso da abordagem proposta por Hicks, sobretudo a análise IS/LM. Posteriormente, também foi incorporado o fator incerteza, um dos marcos da economia keynesiana, que foi traduzida pela economia *mainstream* como fator de risco.

Contudo, a tentativa de incorporar as ideias de Keynes na economia *mainstream* distancia-se dos princípios filosóficos básicos subjacentes na taxonomia da economia moral do jovem Keynes, contidos nas suas primeiras impressões da obra de Moore. Assim como, organicidade do sistema que comporta a noção de ignorância enquanto a incapacidade de se conhecer o que ainda está por vir, ou seja, o futuro. Importante ressaltar também a variedade de escolas de pensamentos que se desdobraram de Keynes, como, os estudos dos autores de Cambridge: Robinson-Kaldor-Pasinetti que originaram os modelos de crescimento liderados pela demanda: neo-keynesianos, neo-kaleckianos, sraffianos, estruturalistas. Além de todo o arcabouço pós-keynesiano que comportam diversos temas macroeconômicos, incluindo o sistema monetário, teoria de inflação, distribuição e desigualdade de renda.

Dessa forma, pode-se concluir que a maior contribuição de Keynes para uma economia pluralista, foi enquanto filósofo-economista, pois foi dentro desta visão de mundo que ele ampliou o debate econômico incorporando elementos de outras ciências. Dessa forma, Keynes promove uma mudança no conteúdo de campo das ciências econômicas, ao modificar a metodologia e o historicismo “não padrão” importando elemento de outras áreas do conhecimento. Ele rompe com as bases de sua formação, essencialmente (neo)clássica e formula uma nova taxonomia invertendo a lógica econômica fundamentada no *laissez-faire*, para a noção de demanda agregada; modifica, portanto, a noção de poupança e investimento, e os determinantes do nível de emprego. Ademais, buscou compreender profundamente a economia monetária e o paradoxo da moeda, o amor pelo dinheiro e o fazer dinheiro.

Referências bibliográficas

- BRESSER-PEREIRA, L. C. (2012). “**Why Economics should be a modest and reasonable Science**” *Journal of Economic Issues*, v.XLVI, n°2: 291-301, June.
- CALDWELL, B. (1994) **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. London: Routledge (Cap. 13).
- CARDOSO, F.; LIMA, G. T. (2008). **A visão de Keynes do sistema econômico como um todo orgânico complexo**, Anais Eletrônicos do XXXIII Encontro Nacional de Economia (Anpec), Natal, Dezembro.
- _____. (2006). **Diagnosticando Patologias Monetárias: Seus Impactos sobre a Atividade Produtiva na Visão de Keynes e Veblen**. *Est. econ.*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 293-321, ABRIL-JUN HO.
- CARVALHO, F. J. C. (1988). “**Keynes on probability, uncertainty and decision making**”. *Journal of Post-Keynesian Economics*, v. 11, n°1: 66-81.
- CHICK, V.; S. DOW (2001). “**Formalism, logic and reality: a Keynesian analysis.**” *Cambridge Journal of Economics*, v. 25, n° 6: 705-721.
- COLANDER, D.; HOLT, R.; AND ROSSER, J.B. (2004) **The Changing Face of Mainstream Economics**. *Review of Political Economy*, vol. 16, n.4, p. 485–499.
- COLANDER, D. (2000) “**The Death of Neoclassical Economics**” *Journal of the History of Economic Thought*, 22 (2):127-143
- CORAZZA, G. (2009). “**Aspectos metodológicos do pensamento de Keynes**”. Anais do 37º Encontro Nacional de Economia. Foz do Iguaçu: ANPEC.
- DAVIDSON, P. (2011). **John Maynard Keynes. Grandes pensadores da economia**. São Paulo: Actual Editora.
- DAVIS, J.B. (1989-1990). “**Keynes and organicism**”. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. 12, n° 2: 308-315.
- _____. (1991a). **Keynes’s view of economics as a moral science**. In: Bateman, Bradley W.; Davis, Jonh B. (eds.), *Keynes and philosophy*. Edward Elgar, 1991a.
- _____. (2007). **The turn in economics and the turn in economic methodology**. *Journal of Economic Methodology*, vol.14, n.3, p. 275-290.
- DEQUECH, D. (2004). **Uncertainty: individuals, institutions and technology**. *Cambridge Journal of Economics*, v. 28, n. 3, p. 365-378.
- _____. (2007) “**Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics**” *Journal of Post Keynesian Economics*, 30(2): 279-302
- DOW, S. (2004) **Structured Pluralism**. *Journal of Economic Methodology*, vol.11, n.3, p. 275–290
- HANDS, D. W. (2001a). **Economic Methodology is dead – Long live to economic methodology**. *Journal of Economic Methodology*, vol. 8, n.1, p.49-63.
- KEYNES, J. M. (1921). **Treatise on Probability**. London: MacMillan and Co.

- _____. [1926]. **O fim do “laissez-faire”**. In: Szmrecsányi, Tamás (org.), John Maynard Keynes. Editora Ática, 1984
- _____. [1930]. **As possibilidades econômicas de nossos netos**. In: Szmrecsányi, Tamás (org.), John Maynard Keynes. Editora Ática, 1984.
- _____. [1936]. **The General Theory of Employment, Interest and Money**. Nova York: HBJ Book, 1964.
- _____. (1936b) “**The general theory of employment**”, Quarterly Journal of Economics, 51 (2): 209-223.
- _____. [1937]. **A teoria geral do emprego**. In: Szmrecsányi, Tamás (org.), John Maynard Keynes. Editora Ática, 1984.
- _____. [1938]. **My early beliefs**. In: Moggridge, D. (ed.), The collected writings of John Maynard Keynes. V. X. London: Macmillan, 1972.
- _____. **The general theory and after**. Part II: Defense and development. In: Moggridge, D. (ed.), The collected writings of John Maynard Keynes. V. XIV. London: Macmillan, 1973.
- MARQUÉS, G.; WEISMAN, D. (2010) “**Is Kuhnean incommensurability a good basis for pluralism in economics?**” In Garnett, E.; K. Olsen, and M. Starr eds. Economic Pluralism. London: Routledge, p. 74-86
- MINI, P. (1991). **Keynes, Bloomsbury and the general theory**. Basingstoke: Macmillan.
- MOORE, G. E. (1998). **Principia Ethica**. São Paulo, SP: Ícone Editora.
- O’DONNELL, R. M. (1989). **Keynes: philosophy, economics & politics**. London: Macmillan.
- OREIRO, J.L; ONO, F.H. (2007). **Um Modelo Macrodinâmico Pós-Keynesiano de Simulação**. Revista de Economia Política, Vol. 27, N.1.
- ROTHEIM, R. J. (1989-1990). “**Organicism and the role of individual in Keynes’s thought**”. Journal of Post-Keynesian Economics, v. 12, nº 2: 316-326.
- TERRA, F.; FERRARI FILHO, F. (2016). **Reflexões sobre o método em Keynes**. Revista de Economia Política, v.36, n. 42 (142), jan-mar.
- _____. (2011). **As disfunções do capitalismo na visão de Keynes e suas proposições reformistas**. Rev. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 271-295, mai-ago.
- WALLER, W. (2010) “**Is convergence among heterodox schools possible, meaningful, or desirable?**” In Garnett, E.; K. Olsen, and M. Starr eds. Economic Pluralism. London: Routledge, p.48-60.